

Cenário Internacional – Manutenção nos juros norte-americanos. Na última reunião, em setembro, o Banco Central norte-americano (FED) manteve a taxa de juros do país na faixa entre 1% e 1,25%, sinalizando a possibilidade de mais um aumento de 0,25% ainda este ano. Assim, a política monetária permanece inalterada, visando ao fortalecimento do mercado de trabalho e o retorno sustentável da inflação para os 2% esperados pelo Comitê (FOMC – Federal Open Market Committee). Ainda, a nota divulgada ressalta que é esperado que a situação econômica e o nível de atividade evoluam de forma a garantir aumentos graduais nos juros ao longo dos próximos anos.

Na Argentina, os dados recentemente divulgados mostram que o Produto Interno Bruto (PIB) do país cresceu 2,7% no segundo trimestre de 2017, em relação ao mesmo período de 2016. Entre os destaques, há o aumento de 7,7% nos investimentos, puxado por construção e equipamentos de transporte, e de 3,8% no consumo privado, principalmente por bens e serviços importados, como automóveis e produtos farmacêuticos. No primeiro trimestre o país cresceu 0,4% e, dado o segundo resultado positivo, há uma sinalização de retomada da atividade econômica depois do fraco resultado no ano anterior (-2,2%). Para 2017, a expectativa do governo é de crescimento de 3,5%. A Argentina é o terceiro maior parceiro comercial do Brasil e o maior importador de automóveis brasileiros.

Contas Externas – Exportações e importações com expressivo crescimento. Em setembro, as exportações (+18,1%) e as importações (+12,5%) cresceram na comparação interanual, resultando em saldo comercial superavitário de US\$ 5,2 bilhões (+35,8%). Esse resultado foi puxado, sobretudo, pelos produtos básicos (+36,7%), como milho em grão (+95,7%) e minério de cobre (+38,8%). No caso das importações, houve aumento de bens de capital (+34,5%), com destaque para máquinas e equipamentos de uso industrial específico (+85,7%), e dos combustíveis e lubrificantes (+26,4%).

Câmbio – Recuperação das commodities e variação no risco como determinantes. A moeda brasileira encerrou setembro em R\$3,16/US\$1, variação de 0,4% em relação ao fechamento anterior (R\$3,15/US\$1). No mês, dois fatores de direção contrária foram os determinantes para explicar a leve variação cambial: o aumento do risco país na segunda quinzena como fator de desvalorização e a recuperação no preço das commodities, sobretudo o petróleo, como fator de valorização. Para o final do ano, a projeção da FIRJAN é de R\$ 3,10 /US\$1. Esse cenário considera principalmente a continuidade na recuperação no preço das commodities e a manutenção do cenário político atual, sem mudanças bruscas, o que estabilizaria o risco país nos próximos meses.

Inflação – Lenta recuperação da atividade segue favorecendo queda da inflação. A inflação medida pelo IPCA variou +0,16% em setembro, resultado abaixo do observado em agosto (+0,19%). No acumulado em 12 meses, o índice acelerou para +2,54% ante +2,46% no mês anterior, mantendo-se, contudo, abaixo do limite inferior da meta para o ano (+3,00%). No acumulado do ano, a variação foi de +1,78%, configurando a menor taxa acumulada até setembro desde 1998 (+1,42%), ficando bem abaixo registrado no mesmo período de 2016 (+5,51%).

Para o fechamento de 2017, a FIRJAN projeta inflação de 3,2% e juros em 7,0%. Nosso cenário considera que a atividade econômica seguirá se recuperando lentamente, na medida em que a capacidade ociosa na economia se mantém elevada e sem perspectiva de rápida recuperação.

Política Fiscal – Receitas extraordinárias dão fôlego às contas públicas. No mês de agosto, o governo central registrou déficit fiscal de R\$9,6 bilhões, contra déficit de R\$ 20,3 bilhões em agosto do ano passado. Sem a antecipação de pagamento de precatórios, o resultado teria sido consideravelmente pior, déficit de R\$ 67,7 bilhões. No acumulado até agosto, o déficit foi de R\$ 85,8 bilhões. Importante destacar que os leilões das hidrelétricas da Cemig, que totalizou R\$ 12,3 bilhões, e de petróleo e gás da Agência Nacional do Petróleo (ANP), que representou ganho de R\$ 3,8 bilhões, ambos realizados no último mês, serão fundamentais para alcance da meta fiscal anual de déficit de R\$159 bilhões.

Indústria – Produção industrial mantém níveis historicamente baixos. Em agosto, a produção industrial brasileira mostrou retração de 0,8% frente a julho, na série livre de influências sazonais, após registrar quatro expansões consecutivas nesta métrica. Já na comparação com o mesmo mês do ano anterior, houve o quarto crescimento (+4,0%) em sequência, com destaque para o aumento na produção em 20 dos 26 segmentos industriais pesquisados. Esse resultado, contudo, não é suficiente para recuperar a queda de produção observada no ano anterior. Entre janeiro e agosto de 2017 a produção industrial brasileira registrou alta de 1,5%, resultado que, apesar de sinalizar uma importante volta do crescimento, mantém os níveis de produção em patamares historicamente baixos. No mesmo período do ano anterior a produção industrial havia recuado em 8,0%.

No **Rio de Janeiro**, a produção industrial de agosto avançou 2,4% frente a julho, na série livre de efeitos do calendário. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a produção caiu 1,8%, acumulando crescimento de 1,8% nos primeiros oito meses do ano, perdendo intensidade frente ao registrado até julho (+2,4%). A principal influência para o crescimento no ano permanece sendo a Indústria Extrativa (+5,6%), em função da recuperação do setor de óleo e gás. A Indústria de Transformação (0,0%), por sua vez, mantém-se estável na comparação com a produção observada entre janeiro e agosto de 2016. Entre os subsetores industriais, destaque para forte expansão dos segmentos de Metalurgia (+22,6%) e de Fabricação de Veículos Automotores (+28,4%), ambos voltados para o setor externo.

Mercado de trabalho – Trabalho por conta própria reduz taxa de desemprego. A taxa de desemprego nacional, medida pela PNAD contínua, caiu para 12,6% no trimestre de junho a agosto, frente a 12,8% observados no trimestre móvel anterior. Esse resultado foi em linha ao esperado pela FIRJAN e pelo mercado. A queda no indicador se deve ao crescimento dos trabalhadores por conta própria (+2,1%) e dos empregados do setor público (+2,6%). Apesar disso, a população desocupada é de 13,1 milhões de trabalhadores. Para o segundo semestre, esperamos que a taxa de desemprego continue a trajetória de queda, encerrando o ano em 12,5%.

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, por sua vez, o saldo da movimentação de empregos formais foi positivo pela quinta vez consecutiva. Em agosto, foram abertos 35,5 mil novos empregos, acumulando no ano a criação de 148 mil vagas. No acumulado em 12 meses, entretanto, o saldo permanece negativo: -561 mil postos.

No **Rio de Janeiro**, a taxa de desemprego, medida pela PNAD Contínua Trimestral, atingiu 15,6% no segundo trimestre de 2017, o maior nível da série histórica iniciada em 2012. Em relação à movimentação de postos de trabalho formais, o estado do Rio de Janeiro seguiu fechando empregos em agosto (-3,4 mil) – 29º resultado negativo consecutivo – ao contrário do que ocorre no Brasil (+35,5 mil). No acumulado do ano, foram fechados 78,2 mil postos de trabalho no Estado, maior saldo negativo entre as unidades da federação.

EXPEDIENTE: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) - Av. Graça Aranha, 01 CEP: 20030-002 - Rio de Janeiro. **Presidente:** Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; **Diretor de Defesa de Interesse:** Cristiano Buarque Franco Neto; **Gerente de Estudos Econômicos:** Guilherme Mercês; **Coordenador da Divisão de Estudos Econômicos:** Jonathas Goulart; **Equipe Técnica:** Anna Gaspar, Júlia Ornellas, Nayara Freire e Tomaz Leal. **Estagiário:** Claudio Lima. Informações: economia@firjan.com.br